

Portugal no Sião - Fundação da Comunidade Lusófona no Banguet Portuguet

Afonso de Albuquerque, desde que partiu de Portugal em busca da conquista do mercado do Oriente, ao serviço do Rei Manuel I, tem na sua mente o propósito de transformar o Portugal, pobre da época, numa potência comercial, respeitada, em toda a Europa. A sua audácia, o seu espírito de homem luso, imparável, termina e, humilha os italianos, com a falência dos mercados das especiarias, milenários, de Piza, Génova e Veneza.

A Veneza faustosa, onde as rendas e os brocados navegavam nas tómbolas, nos canais, que passam debaixo das arcadas, das passadeiras, que transpõem as vias do romantismo, medieval, da opulência veneziana.

Marco Polo, navegou pela costa do Sião, passou no estreito de Malaca, mas nunca pisou o Antigo Reino do Sião.

Albuquerque, deixa a Rota da Seda sem qualquer significado comercial. Impõe-se com heroísmo e termina com os mitos dos caminhos nas terras do Império Otomano, defendidas por vários generais romanos, para protegerem a ida das especiarias para a Itália.

A paz em Malaca está consolidada, necessita, agora, Albuquerque de encetar o bom relacionamento com os monarcas das redondezas. No seu espírito não existe o facto de colonizar, ou conquistar soberanias, através das armas. Apenas deseja construir um frutuoso relacionamento que lhe permita permutar, fazer chegar a Lisboa e "abarrota" os armazéns da corte de El-Rei de Portugal, nas margens do Tejo, com as "coisas" da Ásia.

Depois do sucesso diplomático obtido no Reino do Sião, por António Miranda de Azevedo em 1512, e mercê da generosidade do Rei Rama Tibodi II é concedida uma parcela de terreno, o Ban Portuguet, para que ali se fixem os portugueses, e possam construir as suas casa, igrejas e casem com mulheres siamesas. Em 1516 (ou 18) é assinado o primeiro Tratado de Comércio, Navegação e Amizade entre Portugal e o Sião.

Portugal pouco tem para vender ao Sião. Tem soldados de infantaria, artilheiros hábeis em quem o temor da guerra não existia. Há espingardas, canhões e arte do saber manejá-los. Ayuthaya, a cidade dos templos cobertos a folha de ouro, capital do Reino do Sião, ostenta riqueza e não deseja mais de El-Rei de Portugal que armas, instrutores e artilheiros que ensinem os siameses a arte de as operar.

O Reino está constantemente sujeito as arremetidas do Rei do Pegu. Investidas debaixo de égide supersticiosa. O Rei do Sião tem nos seus estábulos reais, elefantes brancos. O Rei do Pegu, também os pretende possuir. Solicita-os, através dos seus enviados a Ayuthaya. O monarca siamês recusa. Elefantes brancos, são privilégios invioláveis, que só aos siameses pertencem.

A partir de 1520 homens portugueses começam a instalar-se numa larga parcela de terreno, oferecida pelo Rei Tibodi II, junto a margem do Rio Chao Prya. À sua volta foi construído um canal que serve para a movimentação da comunidade e a deslocação dos homens lusos para o palácio real, onde estão destacados como guardas. O Banguet Portuguet (Ilha dos Portugueses) começa a ter significado habitacional. Depois de 1550, quando os missionários dominicanos ali se instalam, constroem a Igreja de São Domingos, cujas ruínas, nos dias de hoje, bem vivas, ali se encontram.

Os homens portugueses, quando embarcam para Oriente, são jovens solteiros. O conceito de assimilação fácil a outras etnias permite a formação espontânea de uma comunidade lusa/tailandesa no Banguet Portuguet. No século XVII, o numero estimado, dentro da comunidade mista, é de umas três mil almas. Já neste século, existiam 3 paróquias. A de São Domingos, a de São Paulo e a de São Francisco.

José Gomes Martins